

ECONOMIA&PAÍS > P.20E21

**Pesquisa: trabalhador
do Rio tem a maior
renda média do Brasil**

Renda no Rio supera a de São Paulo em plena crise

Pesquisa por Amostra Domiciliar do IBGE revela que petróleo e setor de serviços ajudaram trabalhador do estado a obter emprego e melhores salários em 2009

MICHEL ALECRIM

michel.alecrist@odianet.com.br

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE de 2009 mostram que a crise mundial afetou de forma desigual a vida dos brasileiros. O levantamento, divulgado ontem, revela que a renda média dos trabalhadores no Estado do Rio subiu 6,42% e passou a ser a mais alta entre os estados, superando até a de São Paulo. Por outro lado, o estudo indicou que o avanço do emprego no País não foi suficiente para atender o ingresso de jovens no mercado de trabalho, provocando a elevação do índice de desemprego de 7,1% para 8,3%.

A crise, que afetou sobretudo a indústria brasileira, se mostrou mais branda no Rio. Vários indicadores da economia fluminense, calcada no setor de serviços e de petróleo, tiveram inclusive avanços. Um deles foi a média salarial dos trabalhadores, que foi de R\$ 1.277 em 2008 para R\$ 1.359 em 2009, já com correção pela inflação. Com a elevação, o salário fluminense superou o dos paulistas (R\$ 1.353), que também foram ultrapassados pelos catarinenses (R\$ 1.358). Esta foi a primeira vez, pelo menos desde 2001, que a liderança não fica com o estado vizinho.

O IBGE constatou até um aumento de 483 mil vagas com carteira assinada no País. Também foi apurada maior formalização do emprego: subiu de 52,1% pa-

ra 53,5% o contingente de trabalhadores que contribuíam para a Previdência. Os empregados domésticos com carteira assinada passaram a ser 7,2 milhões, uma alta de 9%.

PRIMEIRO EMPREGO

Enquanto o mercado de trabalho avançou para quem já estava atuando, os jovens enfrentaram maior dificuldade em encontrar o primeiro emprego com a crise de 2008. A taxa de desocupação subiu de 14,4% para 16,6% entre 18 e 24 anos. Já no Rio, caiu de 21,6% para 21,1%. No estado, o desemprego apresentou queda de 9,6% para 9,2%, na contra-mão da tendência nacional.

O economista Cimar Pereira Azevedo ressaltou que em comparação com outras economias o impacto foi menor. "O mercado de trabalho não piorou, mas deixou de melhorar", avaliou.

Apesar do acréscimo de 483 mil vagas com carteira assinada, mais jovens estavam em busca de emprego

Economista da FGV aponta menos 1 milhão na pobreza

► Analisando os dados da PNAD, o economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Marcelo Neri observa que, apesar da crise, a redução da pobreza continuou avançando no País. Segundo ele, enquanto em 2008 a renda dos 10% mais pobres era de R\$ 285, em 2009 subiu para R\$ 294, em termos reais. A alta foi de 3,15%. Por outro lado, a dos 10% mais ricos subiu apenas 1,09%, de R\$ 2.539 para R\$ 2.566.

Apesar de 2009 não ter sido tão positivo quanto os seis anos anteriores, havia cerca de 1 milhão a menos de pobres, que passaram de 29,8 para 28,8 milhões.

“O que percebemos a cada ano é um descolamento entre o PIB (Produto Interno Bruto) e a PNAD. Na pesquisa domiciliar, há um avanço maior da renda”, afirma o economista. Para ele, o resultado do Rio pode ser tendência futura se projetos previstos se concretizarem e se houver reflexos na renda.

A engenheira Lívia Mattos, 27 anos, apostou na indústria do petróleo e não se arrependeu. Ainda se aperfeiçoou através do Prominp. “Quando a crise chegou, houve paralisação nas contratações, mas rapidamente o setor voltou a abrir vagas”, conta ela.



Engenheira, Lívia apostou na indústria do petróleo e não se arrependeu

O retrato dos domicílios brasileiros

TRABALHO

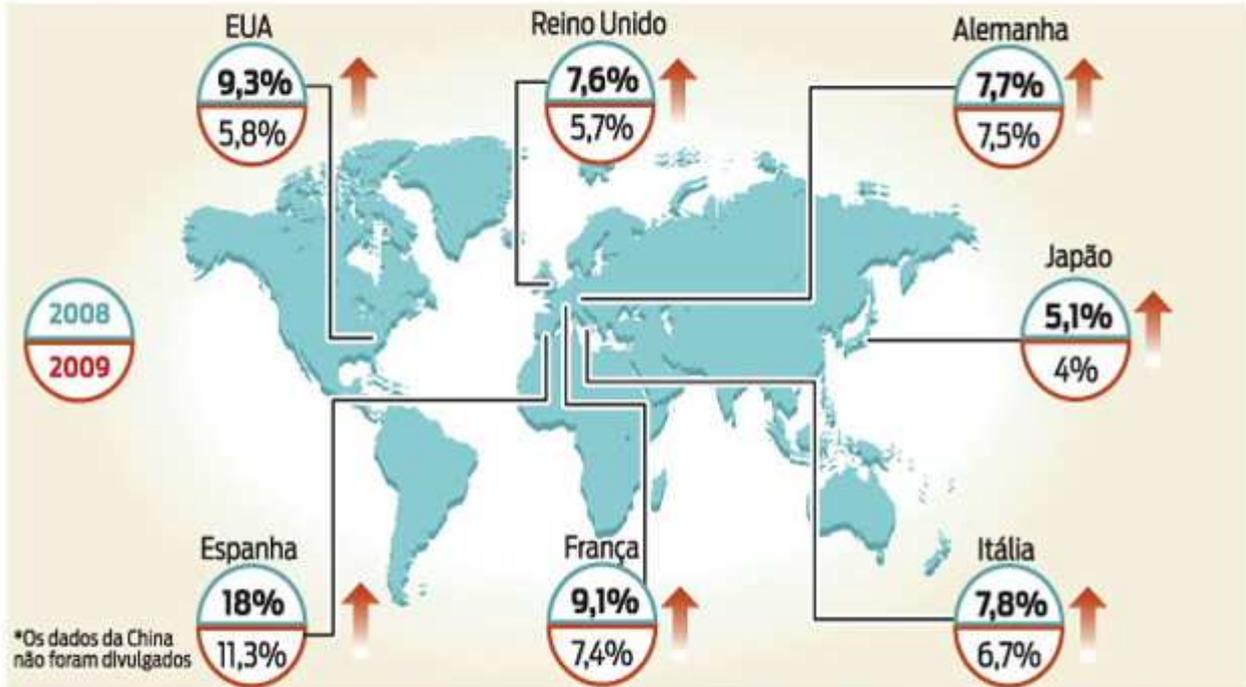
Taxa de desocupação:



Para jovens entre 10 e 17 anos:



Evolução da taxa de desocupação nas maiores economias*:



FORMALIZAÇÃO

Contribuição para a previdência:

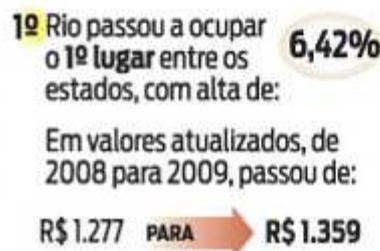


O índice no estado:



RENDA

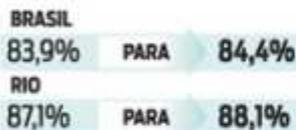
Melhorou em termos reais:



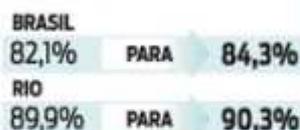
HABITAÇÃO E BENS

Percentuais de domicílios:

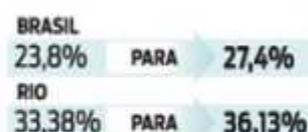
Abastecimento de água



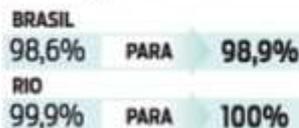
Telefone (celular ou fixo)



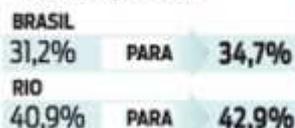
Com acesso à Internet



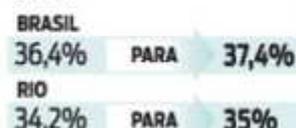
Iluminação elétrica



Microcomputador



Carro



(primeiro estado a ter 100% dos domicílios eletrificados)

FAMÍLIAS

O número de pessoas por domicílio ficou estável



COR

O número de pessoas por cor



ANALFABETISMO

ESCOLARIDADE

CAIU

10%

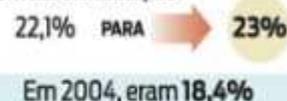
9,7%

Em 2004, a taxa era de 11,5%

Brasileiros com mais de 25 anos com nível superior completo subiram de:



Com nível médio, de:



O número médio de anos de estudo dos brasileiros subiu de:

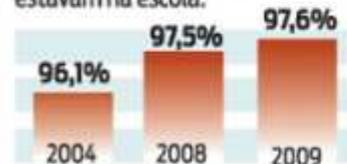


As mulheres têm mais escolaridade que os homens:



ESCOLARIZAÇÃO

Entre as crianças de 6 e 14 anos estavam na escola:



Rio, caiu a taxa de escolarização



Entre as crianças de 4 ou 5 anos: estavam na escola:



Rio, subiu a taxa de escolarização



Dos 55,2 milhões de estudantes (de todos os níveis) estavam na rede pública:



Luz em 100% das casas fluminenses

> A PNAD mostrou melhorias no acesso a serviços públicos no País, mas revelou também que grande parte da população ainda convive com o esgoto a céu aberto. Um dos itens que avançaram foi a eletrificação, que chegou a 100% dos domicílios do Rio de Janeiro — o primeiro estado a universalizar o serviço. Antes, o fenômeno só ocorria no Distrito Federal. No País, a taxa passou de 98,6% a 98,9%.

Enquanto a água encanada chegou a 84,4% dos lares brasileiros, caiu de 59,3% para 59,1% o percentual dos domicílios ligados à rede de esgoto. A PNAD também constatou que o maior acesso ao celular faz com que cada vez mais famílias apósem o telefone fixo. Em 2009, 41,2% das famílias só tinham o móvel, contra 5,8% que só tinham o convencional.

O acesso à Internet aumentou em 112,9% em quatro anos, chegando a 67,9 milhões de brasileiros. Entre os maiores de 50 anos, os internautas eram 7,3% em 2005 e passaram para 15,2% em 2009. No Estado do Rio, 36,13% dos domicílios tinham computador com acesso à rede.

EDUCAÇÃO

Analfabetos ainda são cerca de 10% da população brasileira

■ Segundo a pesquisa do IBGE, as melhorias na educação são constantes, mas ainda lentas. Apesar da queda na taxa de analfabetismo, o problema ainda afeta quase 10% da população. A PNAD mostrou também que ficou praticamente estável o percentual dos brasileiros com Nível Fundamental incompleto (36,9%).

Por outro lado, a pesquisa revelou um cenário de maior escolarização (frequência à escola) das crianças. O avanço maior foi entre as de 4 e 5 anos. Enquanto que em 2008, 72,8% delas estudavam, em 2009, elas eram 74,8%. Na faixa dos 6 aos 14, eram 97,6%. O

que ainda dificulta a presença na escola é o trabalho infantil. Apesar da queda na incidência, 908 mil crianças entre 5 e 13 anos trabalhavam no País. No Rio, onde a taxa é a mais baixa, 22 mil estavam nessa situação. Entre os 15 e 17 anos, a presença na escola ainda está distante da universalização e chegou a 85,2%.

A pesquisa revelou um surpreendente aumento no número de filhos por mulher no País, índice que vinha caindo ano a ano, desde a década de 1960. De 1,89, subiu para 1,94. Se for uma tendência, fator poderá aumentar demanda por vagas nas escolas nos próximos anos.



Edlaine conseguiu emprego e com a renda trocou de computador e comprou mimos tecnológicos, como um MP 5